

**JUSTIFICATIVA**  
**PL 0133/2012**

O presente projeto de lei tem como objetivo incluir no Calendário Oficial do Município de São Paulo o aniversário do Colégio Batista Brasileiro, a ser comemorado anualmente no dia 09 de março.

Um sonho, um propósito, uma visão, uma missão. A vida de Anna e William Bagby foi marcada por ideais, sonhos concretizados, lutas e vitórias. Dois jovens americanos, recém-casados acalentando o sonho de ser missionário no Brasil. Propósito de estabelecer em diferentes regiões do Brasil, locais onde haveria liberdade para o estudo e pregação da Palavra de Deus. A visão de alcançar famílias com uma educação inovadora, de qualidade, a princípio, pela urgência do momento, por iniciativa própria, depois com o apoio da denominação batista nos Estados Unidos e no Brasil.

Após anos na Bahia e dezoito anos no Rio de Janeiro, o casal BAGby retorna a São Paulo. Segundo recenseamento da época, São Paulo possuía 108 indústrias, sendo 70 estrangeiras e 38 brasileiras e vivia um tempo de riquezas e desenvolvimento. A cidade começava a se iluminar. A inglesa Light and Power Company inaugurava a Usina Hidrelétrica do Parnaíba e substituíam por lâmpadas elétricas a iluminação das Ruas do centro, que até então era feita por lâmpadas a querosene. O primeiro bonde havia sido inaugurado um ano antes. O novo meio de transporte provocava espanto e temor na população, embora as linhas se tornassem cada vez mais numerosas. A família Bagby foi residir nas proximidades da recém inaugurada estação da Luz, na época uma das maiores e mais impressionantes obras arquitetônicas do mundo.

Chegou a Santa Bárbara d'Oeste em 1881, colônia americana, onde puderam se hospedar e aprender o português. Em Campinas, além do aprendizado da nova Língua, colaboraram ministrando aulas em um colégio. Iniciaram o trabalho batista na Bahia em outubro de 1882. Segundo relatos familiares, Anna Bagby adiou seu projeto educacional por vinte anos devido aos cuidados com os filhos.

Surge a oportunidade da compra do Colégio Progresso Brasileiro de Mary Ellis Mctynre. Em janeiro de 1902, Anna assume a direção do Colégio e, em seus prospectos, figuram Dr. William Bagby e Mrs. Mary Ellis Mcintyre como professores. Nestes anos iniciais, figuram também, como professora, Anita Malfatti e, como aluno, Sérgio Buarque de Holanda. Também há uma forte ligação e relação de circulação de alunos e professores com a Colônia Americana e a Universidade Baylor.

Capacitação, preparo e maturidade para tal empreendimento não faltaram, pois Anna era formada pela Escola Normal de Saint Louis, Missouri. Mais tarde, professora de matemática e de no departamento feminino da Universidade Baylor, Texas. William formou-se na Universidade Baylor, trabalhou em uma revista mensal e foi professor primário, além de pastor. Trabalharam juntos na direção do Colégio, na escolha de profissionais, no dia-a-dia da Instituição, no estabelecimento da visão e missão do Colégio. A própria D. Anna Bagby relata seu preparo e orientação curricular de seu colégio:

Quanto ao programa de ensino do colégio, não houve dificuldade. Eu havia sido providencialmente preparada na reconhecida Escola Normal de São Luiz no estado de Missouri, e dali passou a ensinar nos cursos superiores de Baylor College em Texas. Organizei os cursos a modelo dos grupos escolares para admissão ao ginásio oficial. Dávamos inglês e francês no curso regular e oferecíamos ainda inglês particular e música a pedido. (s/d, p.3).

O Colégio iniciou a atividade na Alameda dos Bambus nº5, atual Avenida Rio Branco. Com o crescimento do colégio, foi necessária a expansão das salas de aulas. Famílias da Avenida Paulista solicitaram transporte escolar aos seus filhos. De um colégio vizinho adquirimos um carro, tipo antigo, tendo o dono de nossa lavanderia oferecido o empréstimo de seu cavalo. Uma professora acompanhava as crianças diariamente. Este empreendimento causou-nos bastante preocupação e foi abaixo de lágrimas e oração que lançamos o projeto. O esforço intenso de dois dias quase deu fim ao nosso bicéfalo, pelo que recorremos a um “cocheiro” que oferecia seu próprio tempo na direção do carro, fornecendo ainda o uso do seu robusto animal.

Breve transportava dessa maneira 40 alunos, dando saída às 7:30 horas, da manhã e regressando da última viagem às 6 da tarde. O médico do colégio ofereceu-nos o aluguel do seu auto, mas a desconfiança do novo veículo naqueles dias era tal entre as famílias, que não pudemos aceitar a proposta.

Mas o carro fez sucesso! Evoluiu. A princípio era uma espécie de “tilburry” coberto e puxado por um cavalo. Passou depois a “breque” com tração de dois fortes e rotundos burrinhos e finalmente venceu-se a oposição à gasolina a ponto de instalarmos um ônibus de fabricação especial para o nosso uso. (s/d, pp 3 e 4)

Em 1915 o Colégio foi transferido para um espaçoso prédio no Largo dos Guaianazes nº 49, hoje, Praça Princesa Isabel. O Colégio continuou a se chamar Colégio Progresso Brasileiro até 1923, quando passou a denominar-se Colégio Batista Brasileiro, com a inauguração de sua nova sede no bairro de Perdizes. Construção realizada pela firma de Arthur Krug, Moya Cia, sendo responsáveis pelo projeto em execução da obra respectivamente Antonio Garcia Moya e Guilherme Malfatti. O primeiro, um dos dois arquitetos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922 e o segundo, irmão de Anita Malfatti, sobrinho de George Krug, sócio de Moya. No Jornal Batista de sete de setembro de 1922 o próprio arquiteto Moya escreve a respeito do projeto do Colégio:

Quanto á capacidade e conforto do estabelecimento posso sem receio garantir que ficará dentre os mais modernos, não só de S. Paulo, mas da América. Possui um Jardim de Infância Modelo, grande Salão de Visitas, Secretaria, Diretoria, Sala de Presidente, Biblioteca, amplo Hall com escada e Ascenso, espaçoso Salão Nobre, Refeitório geral de vastas dimensões, Cozinha, Copa, Despensa, Refeitório de criados, etc., além de um grande numero de classes e laboratórios, como sejam: - Artes, Dactylographia, Odontologia, Ciências Domesticas, grande departamento de Musica, compreendendo Sala de professores, piano, teoria, musica vocal, etc.; Desenho Historia Sagrada, Física, Química, Psicologia, Cosmografia, Literatura, Costura e Ginástica instalada em amplo salão munido de todos os aparelhos modernos.

Quanto á arquitetura, o estabelecimento lembra em linhas gerais umas instituições religiosas antiga, transformadas modernamente não só nos detalhes, secções de molduras, que são de influência Bizantina e Românica (sentimento moderno) como nos arcos, pórtico de entrada, claustro, etc.

Do seu estilo só poderei dizer que é moderno sobre as influencias do antigo Bizantino e Românico do período de transição, encarado com plena liberdade de preconceitos, fugindo quanto possível a regras preestabelecidas segundo a Moderna orientação. (1922, p.47).

Malfatti, na mesma publicação, descreve detalhes técnicos da obra:

É quase impossível descrever num curto resumo, todas as fases da construção deste grande prédio. A obra acabada representa o esforço harmonioso de toda uma organização técnica, tanto da parte da diretoria do colégio, quanto dos construtores. E' da colaboração destas duas forças que depende o sucesso da obra, construída com todos os requisitos necessários, a fim de oferecer a uma coletividade as oportunidades de um grande desenvolvimento futuro.

Em seguida nasceu toda a alvenaria do edifício, caracterizado pelos seus grossos muros, dando essa sensação de quase eternidade, devido á sua grande resistência. Entrando em outros detalhes notamos os grossos vigamentos sobre as salas

maiores nos andares superiores, e a construção dos seus soalhos, executada de maneira a amortecer todos os ruídos. Os forros também são dignos de menção, devido a serem todos á prova de fogo, tornando o edifício quase incombustível, além de que sendo argamassados, basta uma demão de cal para os conservar sempre novos.

Entre outros detalhes notamos ainda as escadas, cômodas e incombustíveis, e, finalmente, as portas e janelas. Especialmente as janelas foram objeto de cogitação por parte da diretoria do colégio e dos engenheiros. Toda ela tem caixilhos, abrindo em pivô, a umas alturas adequadas, afins de não tomar espaço dentro das classes e de proporcionar uma ventilação, constante, sem o perigo das correntes, diretas de ar. (1922, PP 48, 49)

Nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, bairros como Barra Funda e Lapa crescia com a chegada das fábricas e linhas de trem. Em Perdizes ainda havia várzeas, riachos e montanhas. Foi escolhida para a sede definitiva do Colégio Batista Brasileiro:

Animado por essa aceitação, o colégio adquiriu no aprazível bairro das Perdizes um terreno de dezoito mil metros quadrados, com frente para a rua Doutor Homem de Mello, lados para as de Monte Alegre e Ministro Godoy, e fundos para a rua João Ramalho, terreno no qual está sendo construído um prédio com capacidade para cerca de quinhentas alunas.

Em 1919 o casal Bagby deixa a direção do Colégio alegando que o estabelecimento havia expandido além de suas forças pessoais. Seus sucessores foram americanos e brasileiros: Edgard Alen Ingran (1919-1928); H.Á. Zimmermann (1928-1932); Paulo Clay Porter (1924/1925 e 1931/32); Finis Alma Rhine Morgan (1933-1939); Essie Fuller Baptista (1938); Silas Botelho (1939-1956); Enéas Tognini (1956-1961); Werner Kaschel (1961-1967); Wangles Breternitz (1967-1987); José Nemésio Machado (1987-2004). Em 1989 surge a oportunidade, na cidade de Bauru, de encampar a "Escola Batista de Educação Infantil", hoje Colégio Batista Brasileiro, unidade de Bauru. Desde 2004, a diretoria geral das duas unidades está nas mãos do Prof. Dr. Gézio Duarte Medrado. Cada administração com características próprias, Lutas, desafios, conquistas, grandes empreendedores fiéis aos princípios dos fundadores.

Em face da relevância da presente propositura, cujo objetivo é prestigiar o Colégio Batista Brasileiro, solicito dos Vereadores desta Casa para aprovação deste importante projeto de lei."